

Produção de sentido e processos de subjetivação a partir da *fanpage* ÉÉÉQUA: humor e ironia nos acontecimentos de Joinville¹

Silvio Simão de MATOS²

José Isaias VENERA³

Universidade da Região de Joinville - Univille, SC

Resumo

Este trabalho discute as novas formas de produção de sentido e de subjetividades a partir da interação via Internet, com destaque para as redes sociais, que afetam, sobretudo, a juventude. A análise se concentra na relação dos seguidores com a *fanpage* ÉÉÉGUA, no ar desde 2012, conhecida pelos postes de humor e ironia. A análise opera a partir da leitura de Deleuze sobre o humor e a ironia. A página é a principal referência – levando em consideração o número de seguidores – dos moradores de Joinville, uma cidade de porte médio com pouco mais de 600 mil habitantes, que nos discursos oficiais cultua a identidade germânica como seu principal traço, mas que se revela outra nos discursos informais. Em ÉÉÉGUA, os afetos fluem e revelam uma relação com a cidade totalmente descolada de uma identidade fabricada discursos oficiais da história da cidade ou nos panfletos turísticos. A *fanpage* ultrapassa 160 mil seguidores, destes 90% moram em Joinville.

Palavras-chave: Comunicação; discurso; humor; ironia; mídia.

Introdução

O destaque que a *fanpage* ÉÉÉGUA tem entre os moradores de Joinville não está descolada da onipresença dos dispositivos móveis e dos aplicativos de redes sociais no seio da vida social, provocando um verdadeiro apagamento da fronteira entre o público e o privado. São quase 160 mil seguidores e, destes, 90% moradores de Joinville, uma cidade situada no norte de Santa Catarina conhecida por ser o maior polo industrial do Estado e pela sua história de imigração europeia. Mas, diferente dos discursos oficiais, ou da visibilidade construída pela grande mídia, uma outra realidade pulsa e flui nas redes de relacionamento.

Desde 2012, quando foi criada ÉÉÉGUA, já consta 160 mil curtidas. Para citar um poste como exemplo (que será objeto de análise deste artigo), o vídeo de um morador que

¹ Trabalho apresentado no DT6: Interfaces Comunicacionais. GP Comunicação e Culturas Urbanas. XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação pela UFRJ. Coordenador do curso de Publicidade e Propaganda da Univille. E-mail: simon@univille.br

³ Doutorando em Ciências da Linguagem pela Unisul. Professor da Univille e Univali. Bolsista do Uniedu Pós-graduação (Programa de bolsas universitárias de Santa Catarina). E-mail: j.i.venera@gmail.com

tenta apagar a tocha olímpica que passou pela cidade no dia 13/07/2016, foram 516 mil visualizações. Essa crescente interação de moradores da cidade com a *fanpage* reforça a noção desenvolvida por Muniz Sodré de que os novos processos comunicacionais se tornaram uma extensão da nossa vida (assemelhando-se à tese de Marshall McLuhan), formando um bios virtual (2002).

Para problematizar o fluxo de sentido que se estabelece a partir da *fanpage* ÉÉÉGUA, torna-se pertinente compreender o novo paradigma comunicacional que se forma a partir da popularização da Internet, principalmente por meio dos dispositivos, e como esta realidade afetará, sobretudo, a juventude.

A fluidez da comunicação e o bios virtual

O impacto causado pela evolução constante nos dispositivos comunicacionais que usam a Internet como plataforma, influencia indivíduos, organizações e grupos sociais. A Internet mudou sensivelmente nossa realidade. Essas novas interações afetam toda a realidade, a tal ponto que Sodré propõe pensar a mídia como uma nova forma de vida, na qual chama de bios virtual (2002). O modo como nos relacionamos é, cada vez mais, atravessado pelos discursos da mídia, diluindo as fronteiras do público e do privado.

Esse cenário midiático atua sobre os sujeitos e, sobretudo, nos jovens que já nasceram em tempos de onipresença dessa mídia. Jovens que, desde cedo, tem em seu cotidiano a interação com equipamentos tecnológicos e que permitem o acesso a vídeos e aplicativos, principalmente jogos e interfaces de comunicação em rede, e que acostumou-se chamar de *geração Z*. Essa interação se estabelece enquanto práticas discursivas que demarcam modos específicos de se constituir enquanto sujeito.

A inserção cotidiana nesse ambiente, fez com que esses jovens passassem a ter um novo perfil de relacionamento com os meios de comunicação. O meio tradicional, passivo, clássico dos meios de comunicação de massa, dá lugar para novos meios, interativos e de onde o jovem não só vê – como se fosse passivamente atravessado por discursos –, mais torna-se sujeito – se subjetiva – na produção e disseminação de conteúdo (discursos).

Por essa via, os dispositivos móveis, como *tablets* e *smartphones*, atuam para redimensionar o ambiente de convivência, de relacionamento e de afetos destes jovens. Os pontos de contato agora não são mais físicos, vivíveis, latentes ao olhar. Não que as práticas discursivas na escola, no grupo familiar e nos meios tradicionais de comunicação não atuem

mais na construção subjetiva dos jovens, mais perdem impacto junto as possibilidades ampliadas, sem fronteiras, de ampliar os pontos de contato e de troca, estabelecidos na web. (MENDONÇA; SALGADO, 2012)

É preciso considerar, nesse contexto, o papel que as redes sociais e as mídias sociais, como o Twitter, Facebook e YouTube, têm no dia-a-dia dos jovens. Não é difícil observar que nas relações estabelecidas pelos usuários dessas mídias sociais, às fronteiras entre o espaço privado e o público ficam diluídas. Isso ocorre no momento em que os aparelhos móveis (*tablets* e *smartphones*) facilitam a comunicação, estabelecem novas formas de ver e de estar em múltiplos lugares.

Internet e a juventude

Nos últimos anos, o relacionamento dos jovens brasileiros com a internet saiu do âmbito de sites de notícia e blogs, para grupos de relacionamento e canais de vídeo no youtube. Esse novo modo de interagir com a web, tem no jovem um dos principais elementos de consumo.

Dados divulgados pelo IBGE, em abril de 2015, apontam que metade dos brasileiros estão conectados à internet. Os números do IBGE referem-se a coleta realizada pela Pnad 2013 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), em todo o Brasil, que identificou, também, que mais de 130 milhões de pessoas no país, com idade acima de 10 anos, possuem celular para uso pessoal. Os dados informados pela pesquisa apontam um crescimento no acesso à internet via celulares (principalmente) e tablets (www.bbc.com/portuguese, 2015).

O Instituto Nielsen, 2015, também fez a divulgação de números importantes para se conhecer a realidade dos acessos à internet no Brasil. Segundo o Instituto, em dezembro de 2015, 76,1 milhões se utilizam do smartphone para acessar a internet e dos 20 aplicativos com maior acesso, sete são de redes sociais ou de comunicadores e dois são para vídeo. Outros pontos que chamam atenção, nas informações coletadas pelo Nielsen, referem-se ao fato das crianças e adolescentes entre dois e 17 anos de idade, pertencentes a classe C, terem entre suas preferencias os sites de games, vídeos e música e que as crianças, na faixa entre dois e 11 anos, em junho de 2015, usaram a internet por aproximadamente 6 horas e 10 minutos para acessarem sites de vídeos e 3 horas e 16 minutos em sites de games. (www.nielsen.com.br, 2015).

Don Tapscott, no prefácio do livro *A rede – como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação* (1999) apontou que:

Na nova economia, de maneira crescente, a informação sob todas as suas formas, as transações e as comunicações humanas estão se tornando digitais, reduzidas a bytes armazenados em computadores que se movem à velocidade da luz por meio de redes que, em seu conjunto, constituem a rede (CEBRIÁN, 1999).

Esse crescimento se deve, em certa medida, às páginas e canais vinculados as mídias sociais, dentre elas: o facebook.com e o youtube.com. Nesse ambiente, o jovem encontra uma estrutura capaz de gerar entretenimento e de interagir com os acontecimentos do momento sobre diferentes contextos e conteúdos, além de permitir interação. Para Tapscott “não se trata simplesmente da interconexão de tecnologias e, sim, da interconexão de seres humanos pela tecnologia” (1999, 18).

França comenta que “a comunicação tem uma existência sensível; é do domínio do real, trata-se de um fato concreto de nosso cotidiano, dotada de uma presença quase exhaustiva na sociedade contemporânea” (2001, p. 39). Diante dessa perspectiva, torna-se relevante as relações dos jovens com os aplicativos, neste caso com o Facebook, levando em consideração, sobretudo, o modo como se efetivam os discursos.

Para Lyotard:

É razoável pensar que a multiplicação de máquinas informacionais afeta e afetará a circulação dos conhecimentos, do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de circulação de homens (transportes), dos sons e, em seguida, das imagens (media) o fez (2002, p. 4).

Essa multiplicação e os diferentes modos como estão afetando as relações sociais, via web, nos levaram a convergência, ao compartilhamento, a captura e ao armazenamento, ao consumo de ideias, produtos e serviços (CYPRIANO; SANTOS, 2014).

Processos de subjetivação e juventude

Como se pode observar um certo modo de subjetivação de seguidores do ÉÉÉGUA a partir do ato enunciativo – ou seja, de sua inscrição no discurso a partir de comentário?

Como observou Gonçalves;

Trata-se daquilo que Foucault chamou de *processos de subjetivação*, ou seja, da constituição de nossas próprias formas de existências em sociedade, da possibilidade de imaginar e construir o que poderíamos ser, tentando livrar-nos da ‘individualização e totalização das estruturas de poder’ (2000, p. 46).

Nessa mesma direção, Guattari também nos ajuda a compreender melhor os processos de subjetivação:

o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva’ (1998, p. 19).

Para Guattari, os contextos sociais e semiológicos, “a subjetividade se individua” (1998, p. 19), mas em outras, se faz coletiva. Ora, o modo como os sujeitos se articulam numa dada produção cultural – como na *fanpage* – pode também ser para afirmar uma subjetividade que se singulariza, ou seja, se diferencia de regimes discursivos dominante, ou se dá em condições coletivas, isto quer dizer de “uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo [...]” (GUATTARI, 1998, p. 19).

É nas práticas discursivas que se pode também analisar as regularidades discursivas do que constitui o sentido de juventude, não como um dado natural da fase humana, mas, justamente, como uma construção discursivas. Nesse sentido, via Foucault, pode-se observar como a ideia de juventude se modifica na história constituindo-se nas relações de saber e de poder que se tramam. Entre os autores que contribuem neste debate foucaultiano, a pesquisadora Rosa Maria Bueno Fischer que, desde sua tese de doutorado, de 1996, analisa os discursos da mídia sobre a adolescência.

A autora parte, em *Adolescência em Discurso* (1996), da constatação de que a adolescência adquire centralidade na mídia a partir dos anos 90. No percurso, a autora observa a construção da adolescência pelos discursos da mídia televisiva e de revista, assim como de seus trabalhos mais recentes, no qual problematiza os processos de subjetivação do sujeito adolescente.

Neste horizonte, parte-se do pressuposto que há, na contemporaneidade, a construção discursiva do jovem que adquire seus contornos nas relações que se estabelecem a partir dos meios de comunicação e, neste caso, na *fanpage* e seus seguidores – que se define como o objeto principal desta investigação.

Humor como sendo contrário da moral

O *fanpage* ÉÉÉGUA pode ser considerada a página de relacionamento de Joinville tanto pelo número de seguidores, quanto pelas curtidas, comentários e compartilhamentos, que chegam a atingir quase um milhão de pessoas por semana. Com ironia e humor, parte dos acontecimentos de Joinville ganham visibilidade na página quase em tempo real e seguem despertando as mais diversas reações que se expressam nos comentários e em compartilhamentos, como se, a partir de cada postagem, um corpo pulsante fosse ganhando forma no modo como os visitantes da *fanpage* interagem. Nesta direção, a partir da *fanpage*, um fluxo múltiplo de sentidos se constituem.

Entre os acontecimentos, a passagem da tocha olímpica⁴, no dia 13 de junho de 2013, em Joinville rendeu vários postes, quase sempre com humor e tom irônico. Diferente do que se pode ler na mídia tradicional, como na cobertura feita pelo Jornal A Notícia, na ÉÉÉGUA dá-se visibilidade aos sentidos latentes em boa parte dos moradores da cidade. Por meio do humor e da ironia, a *fanpage* vai ao encontro do sentido latente, o que possibilite a manifestação de milhares de comentários, abrindo, assim, espaço para um circuito de afetos.

Nesta direção, o humor e a ironia produz sentidos que se proliferam na dicotomia entre o indivíduo e o social, sem que um único discurso se imponha como encobridor dessa fissura, papel que a mídia tradicional faz ao unificar numa versão sobre os acontecimentos. Com isso, as redes sociais da Internet e a *fanpage* como uma de suas modalidades permitem a proliferação de sentidos na interação entre internautas que rompe por completo qualquer modelo de comunicação pautado no poder de quem tem o meio para propagar seu discurso de via única a milhões de consumidores – modelo da comunicação de massa.

O humor e a ironia funcionam neste espaço contrário ao sentido regulado, disciplinado, que está a serviço de um *status quo* social. Entre os autores que nos ajudam a trabalhar com o humor e a ironia transitando neste fluxo de sentidos e afetos que desestruturam a realidade socialmente disciplinada é Deleuze. Para o filósofo, “o humor é contrário da moral: melhor ser copista de música que pensionista do rei” (DELEUZE, 2006, p. 76). O filósofo também insere o humor e a ironia à má consciência. Mas precisamos entender que má consciência está relacionada com a transgressão da moral e em infligir a

⁴ A tocha olímpica passará por mais de 300 cidades durante o revezamento. O percurso começou em Brasília, em 3 de maio, e terminará no Rio de Janeiro, no dia 4 de agosto. Os Jogos Olímpicos acontecerão no Rio de Janeiro de 5 a 21 de agosto.

lei. No que se refere aos sentidos, a transgressão pode ser compreendida no espaço discursivo que traz para o primeiro plano o que estaria subentendido, o que é partilhado no sentido mas nunca é dito de forma explícita.

Em uma das imagens postadas na ÉÉÉGUAA aparece uma caixa d'água de 500 litros acima de um carro e, sobre a foto, os dizeres: “indo atrás da tocha olímpica”. Em outro post, aparece uma rua cheia de buracos com os dizeres: “a tocha olímpica não passou na minha rua”.

Figura 1 - Indo atrás da tocha olímpica



Fonte: <https://www.facebook.com/EEEGuaaa>

A mensagem é construída neste espaço que se situa fora do discurso oficial ou da grande mídia encarregados de regular e disciplinar o sentido. Bem diferente, o humor e a ironia se estruturam nesta zona amoral, dando às costas a suposta grandeza pelo qual a grande mídia faz o papel de pensionista do rei. Mas não se pode também cair no erro e esperar que neste espaço de transgressão do sentido “oficial” ou da imprensa se forma um outro e único sentido sobre os acontecimentos. O que Deleuze nos ajudaria a pensar é na

produção de múltiplos sentidos, o que explode por completo a ideia de que haveria um versado extralinguística.

O humor em Deleuze é dos paradoxos. Em *Lógica do sentido*, Deleuze ainda fazia distinção, inaugurada pelos Estóicos, entre a ironia como sendo a arte das profundidades ou das alturas, enquanto o humor, na qual defende, como sendo “a arte da superfície” (2007, p. 9). O humor a qual Deleuze faz operar sobre a obra de Lewis Carroll, autor de *Alice no país das maravilhas*, “é o do senso e o do não-senso; o humor é a arte das superfícies e das dobras, das singularidades nômades e do ponto aleatório sempre deslocado [...]” (2007, p. 143).

Por essa via, não se busca em ÉÉÉGUA um ponto de coerência ou de unificação do discurso, mas, bem ao contrário, um espaço que permite que sentidos latentes na sociedade possam fluir e que se expressam num circuito de atos tanto da ordem do senso quanto do não-senso. Não-senso pode ser entendido como a proliferação de sentidos – opiniões diferentes sobre um mesmo fato – produzindo saturação, ou seja, um não-senso. Assim, a riqueza do humor e da ironia é, justamente, fomentar a multiplicidade de sentidos que se podem formar sobre um mesmo fato, o que constitui, na perspectiva deleuziana, o próprio acontecimento.

Voltemos à *fanpage*. Quase 4 mil compartilhamentos no poste com a imagem da caixa d’água mostram como ÉÉÉGUA funciona como ponto de afecção e por onde se dão os processos de subjetivação, ou, se preferirem, os fluxos de sentidos. Não demorou muito, um seguidor comentou com um *memé*: uma imagem com dois personagens segurando cada um seu extintor de incêndio na calçada de uma rua. Sobre a imagem, os dizeres: “Tocha olímpica está rumo a Joinville. Pegue seu extintor ABC? E vamos juntos esperar a tocha olímpica!”.

Até então, tem-se a impressão que há um sentido sendo paulatinamente colocado em ação, o de impedir a passagem da tocha olímpica pela cidade. Em outro poste, “A tocha olímpica não passou na minha rua”, mostra a imagem de uma rua sem pavimentação e esburacada, como se quisesse contrastar os investimentos feitos nas vias por onde a tocha passou, como percepção de quem não vê na sua proximidade o mesmo tratamento dado por onde passou a tocha. O tom permanece crítico, mas já há uma mudança no fluxo de sentidos.

Figura 2 - A tocha olímpica não passou na minha rua



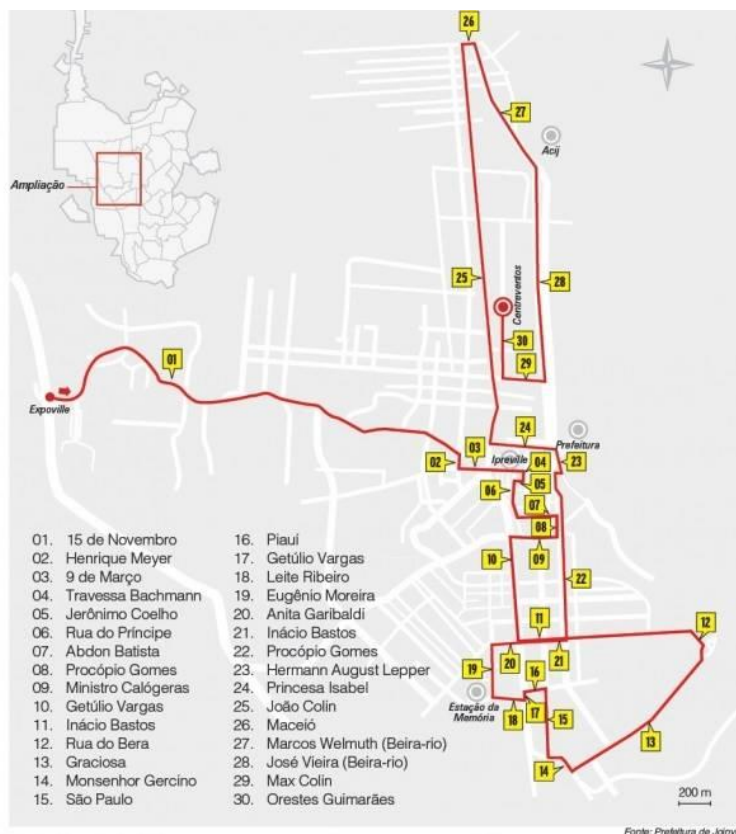
Fonte: <https://www.facebook.com/EEEGuaaa>

Não trata-se aqui desvelar uma suposta verdade, como se houvesse algo para ser desmarcado nos grandes eventos em curso. O que há são os efeitos de sentidos produzidos nos discursos, sejam eles nos discursos jornalísticos que operam sob um efeito de verdade para regular o que deve ver e como se deve interpretar os fatos, ou em outros gêneros discursivos, como as ironias e humor nas redes sociais da internet. ÉÉÉGUA dá um pouco a dimensão de uma outra esfera de produção de múltiplos sentidos deslocados do discurso disciplinador, mas isto não quer dizer que a *fanpage* seja menos efetiva nos processos de subjetivação, só que ela se constitui por várias direções de sentidos que fluem a partir dos postes.

A ÉÉÉGUA não se mantém exclusivamente no discurso de humor. Em uma das postagens iniciais sobre a passagem da tocha olímpica pela cidade de Joinville, realizada no dia 12 de julho, a *fanpage* traz informações sobre o bloqueio das ruas por onde o comboio iria passar. Diferentemente de outras postagens, essa teve apenas 788 curtidas, 320 comentários e 813 compartilhamentos, mesmo sendo essa uma informação de utilidade pública, em razão do fechamento das ruas indicadas na postagem. Comentários realizados contrastam com o apelo oficial e dos patrocinadores que recebem a tocha. Frases como “Estarei com meu extintor aguardando a passagem da tocha pela rua Anita” e “As ruas onde a tocha vai passar estão ficando lindas né com as faixas pintadas e limpas e as demais ruas

não precisa disso... pra que... o contribuinte que se lasque” reforçam um discurso presente na *fanpage* e também antecipam a linha do discurso presente nos comentários feitos em postagens no dia 13 de julho, quando a tocha passou por Joinville.

Figura 3 - Trajeto detalhado da tocha



Fonte: <https://www.facebook.com/EEEguaaa>

Para manter o mesmo tema, a passagem da tocha olímpica pela cidade de Joinville, ÉÉÉGUA fez um post que reproduz o comentário no Twitter de Osny Almeida Martins: “Um idiota tenta apagar a tocha em Joinville, com um extintor. Foi preso de pronto pela polícia”. Junto ao PrtScr do comentário, o link do vídeo mostrando a tentativa de apagar a tocha olímpica. O que se seguir nos comentários, manteve-se no mesmo tom sério. Em grande parte, questionavam o fato de que, enquanto todos estavam com suas atenções voltadas para a passagem da tocha, crimes aconteciam na cidade.

Figura 4 - Um idiota tenta apagar a tocha



Fonte: <https://www.facebook.com/EEEguaaa>

Entre os comentários: “Enquanto isso um trabalhador é assassinado. Alguém já aprendeu o assassino?”. Na sequência outro comenta o comentário: “Não pq todo policiamento estava na segurança da tocha...”.

O último poste sobre este tema até a conclusão deste trabalho foi a postagem do link do vídeo que mostra a tentativa de apagar com extintor a tocha olímpica. Este rendeu até o momento de fechamento do presente artigo 15.374 compartilhamentos, mais 7,2 mil curtidas e centenas de comentários. Entre os comentários, um que se posiciona de forma oposta ao sentido produzido Osny de Almeida Martins, como aparece na figura 3. No comentário: “Joinville tem um herói, parabéns, fez o que todos queriam fazer, se o povo se unisse, seria mais fácil; era só tomar a tocha da mão do infeliz que estava carregando e quebrar no meio, enquanto faltar patriotismo, vão deixar a tocha acesa!”. Em outro comentário: “Que vergonha... Se não curte o evento então não atrapalha... Em momento algum me deixo representar por esse cidadão sem noção!!!”.

Figura 5 - A tocha olímpica não passou na minha rua



Fonte: <https://www.facebook.com/EEEGuaaa>

Essa sequência de comentários no poste do vídeo da tentativa de apagar a tocha olímpica vai ao encontro do que Deleuze nos ajudam a pensar a partir do humor como tendo uma face do não-senso. É evidente que este vídeo não se trata de humor, mas a *fanpage* sim, abrindo espaço para as mais variadas manifestações a tal ponto que a fluidez e quantidades de opiniões acaba por produzir uma saturação de sentido, ou seja, um não-sendo.

Considerações

Neste trabalho, privilegiou-se a *fanpage* ÉÉÉGUA para evidenciar que os fluxos comunicacionais, por onde transitam os afetos implicando os sujeitos numa nova produção de sentidos, se dão com mais intensidades nas redes de relacionamento da Internet do que nas mídias tradicionais.

Para engrossar este debate, a *fanpage* em questão tem o humor e a ironia como traço central, o que nos leva a concluir que estes dois gêneros discursivos, assim como Deleuze nos leva a crer, se estruturam num campo de transgressão aos sentidos estabelecidos no *status quo* da sociedade. Esse campo discursivo que se abre é a via que faz fluir conteúdos

latentes na sociedade, o que pode explicar o sucesso de interação dos visitantes com ÉÉÉGUA.

REFERÊNCIAS

CEBRIÁN, Juan Luis. **A rede** – como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1999.

CYPRIANO, Cristina Petersen; SANTOS, Francisco Coelho dos Santos. A posse de um *smartphone* e os traços de uma subjetividade conectada. **VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio), 2014.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação. A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antonio, *et al.* **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. 1996. 297 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UFRS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do discurso: perspectiva teóricas**. São Paulo: Paráloca Editorial, 2013.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. Experimentação e potência na arte-performance de Laurie Anderson. *Logos*. V. 7, n. 1, 2000.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1998.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002.

MELLO, Rodrigo Bandeira de Mello; WALTER, Silvana Anita; FONSECA, Valéria Silva da. **Apostila Operacional Básica Atlas.ti versão 5.2**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR e Universidade do Vale do Itajaí – Univali. Curitiba, 2007.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. Imagens que vinculam: espetáculo, entretenimento e performance no YouTube. **Revista do programa de pós-graduação em Comunicação Social**, da Faculdade de Comunicação e Artes, PUC Minas. Belo Horizonte: n. 2, 2012, p. 91-106.

RICHARDSON, R. J. *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.